

ABC Futebol Clube e o versátil jogo de Mário Alex Rosa

ROSA, Mário Alex. *ABC Futebol Clube*. Ilustrações de Bruno Nunes. Belo Horizonte: Aletria, 2015. 28 p.

Rafael Fava Belúzio

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte / Brasil

favabeluzio@yahoo.com.br

Recebido em: 27 de agosto de 2016.

Aprovado em: 12 de dezembro de 2016.

Quando sobe para o gramado a obra de Mário Alex Rosa, o público entende que está diante de um artista versátil, daqueles que conseguem jogar em diversas posições, mas sempre com um estilo particular. Desde a sua formação acadêmica, apresenta facilidade para variar o seu lugar em campo. Graduado em História, pela UFOP, realizou seus estudos de mestrado e doutorado em Literatura Brasileira, na USP. Contudo, além de sua produção ensaística – também realizada em jornais e revistas acadêmicas, orelhas de livros e livros especializados –, cria ótimas tabelinhas entre as artes plásticas e a poesia. *ABC Futebol Clube* dimensiona muito bem essa proposta.

A primeira versão da obra foi organizada pela Editora Bagagem e publicada em 2007. No entanto, em 2015, o livro ganhou um novo projeto editorial, agora pela Aletria. Contendo ilustrações de Bruno Nunes, o texto vai sendo escalado ao longo das 28 páginas do livro. Também cria uma visualidade lúdica a tática de espalhar as letras-jogadores no campo das páginas. *ABC Futebol Clube* tem uma linguagem leve, palavras de fácil compreensão. Um passe na medida para os pequenos leitores, como se pode ver desde a capa:

FIGURA 1: Capa de *ABC Futebol Clube*

Fonte: ROSA. *ABC Futebol Clube*. Imagem fac-similada.

Essa literatura, por assim dizer, menos retrancada não se afasta, no entanto, da poética melofanologopaica de Mário Alex Rosa. O livro, como um todo, é um convite para os olhos e os ouvidos e as reflexões. Logo na abertura, um balão azul grita a torcida: “Atenção,/ atenção,/ leitores!”¹ Em seguida, o eu lírico, espécie de mímese de um narrador esportivo, avisa: “Foi dada a/ formação do/ ABC:”²

Na área o A arma, avança,
passa um, passa dois,
e laaaaaança para o B.
Linda bola!³

A partir de então, o livro criará alguns lances entre as letras e a partida de futebol. Muito mais divertido do que a velha cartilha em que Ivo viu a uva, o *ABC* de Mário Alex não dispensa a exposição das letras a leitores mirins. Como mostrado acima, quando o A é apresentado, ele tabela com as aliterações de “**arma, avança,/ passa**” e “**laaaaaança**” para o B, que também está próximo de outro “b”, o da palavra “**bola**”.

Para além do “b” e do *ABC Futebol Clube*, esse modo de aproximar as percepções auditivas e visuais e lógicas vem constituindo uma das táticas mais utilizadas por Mário Alex Rosa. Ambidestro, o boleiro promove exposições de artes plásticas e lança livros – e plaquetes – de

¹ ROSA. *ABC Futebol Clube*, p. 6.

² ROSA. *ABC Futebol Clube*, p. 7.

³ ROSA. *ABC Futebol Clube*, p. 8.

poemas. No entanto, o atleta desta minha resenha quase esportiva não é ora o lateral direito da escultura, ora o lateral esquerdo da poesia. Está mais para um volante versátil verbi-voco-visual voando pelos vértices do tapete verde.

Em *Meus utensílios* – exposição realizada na Galeria de Arte Copasa, em Belo Horizonte, entre o final de 2012 e o começo de 2013 – apresentou 35 peças.⁴ Nelas, diversos objetos cotidianos – como pregador e tesoura, colher e luva, ralador e ferro de passar roupa – são redimensionados, passam a interagir com letras e palavras, criando associações incomuns de ideias, sons e imagens. Abaixo, a obra “Trouxeste a chave?” (técnica mista: cadeados e letraset).

FIGURA 2: Obra “Trouxeste a chave?”, de Mário Alex Rosa



Fonte: ROSA. *Meus utensílios*, p. 20.

Os cadeados interagindo com a palavra “POEMA”, e ainda como o título “Trouxeste a chave?”, abrem diversas possibilidades de leitura. Por exemplo, remetem: ao poema drummondiano “Procura da poesia”, intertexto desse título-verso; à noção de poema fechado, hermético, menos claro para os receptores; assim como parecem convocar uma chave de ouro para trancar o texto. Os cadeados transpõem as portas da percepção do utilitário e evocam a arte como inutensílio, um pouco na perspectiva de Paulo Leminski. Trancado em si mesmo, o “POEMA”

⁴ Cf. ROSA. *Meus utensílios*.

possui uma finalidade sem fim prático. Tensiona os limites entre a escultura e a literatura.

Esse tipo de bola dividida também ocorre do outro lado do campo. No livro de poemas *Ouro Preto* – lançado em 2012 pela Scriptum e contando com capa de Guilherme Mansur – o sujeito lírico de Mário Alex convida a um passeio, passo a passo, por paisagens da antiga capital mineira. Ao correr das páginas, o leitor está “No adro de uma igreja”, “No Museu do Oratório”, “Na São Francisco de Assis” e em diversos outros espaços ouro-pretanos. Não faltam ausências, melancolias e lutos nesses poemas-espaços. Densos como a bruma de Vila Rica, os versos de Mário Alex estão sempre perguntando: trouxeste a chave? Penetráveis para quem sinto a neblina oscilando entre o outono e o inverno, os versos soam uma senha saturnina conhecida pelos penhascos de Cláudio Manuel da Costa e pelas paisagens imaginantes de Alberto da Veiga Guignard. Nas linhas melancólicas da “Ponte de Antônio Dias”, além da evocação imagética presente já no título do poema, é possível ouvir o som das águas:

A lua atrevida ilumina a ponte sozinha,
enquanto o riacho passa embaixo,
o meu amor covarde invade a cena,
braços abertos diante da cruz vazia.⁵

No segundo verso, após singela escalação de imagens da lua e da ponte, o barulho do “riaCHO [...] embaiXo” chama, caprichosamente, o ouvido. Assim o poeta, de maneira distinta dos poemas-objetos de *Meus utensílios*, continua o seu projeto versátil, sonoro-visual-lógico.

O mesmo, porém diferente, projeto encontrado no *ABC Futebol Clube*. O vocabulário tranquilo deste livro para crianças não lembra um poema trancado por cadeados, tampouco remete à bruma de Ouro Preto, essa que deixa o leitor de olhos turvos, mente errante. De toda maneira, ao final do jogo, do livro, da estória, se me permite o leitor uma antecipação do placar (se não permite, pule este meu último parágrafo, vá ler o próprio *ABC Futebol Clube!*), Mário Alex não deixa de ensinar às crianças que nem tudo são gols:

⁵ ROSA. *Ouro Preto*, p. 13.

E o Z, que tanto esperou,
na zaga ficou.
O K, o W e o Y?
Nenhum deles jogou.
Coisas do futebol.⁶

O pobre Z, na sua eterna privação de zagueiro absoluto, ficou esperando e esperando... como um beque de Beckett. Já o K, o W e o Y, raramente acionados por quem está no meio-campo da língua, nem mesmo chegaram a jogar. O tom menos entusiasmado do fim do livro é também muito afinado à poética de Mário Alex Rosa. Junto ao projeto verbi-voco-visual que é levado adiante pelo escritor mineiro, uma certa tristeza sempre o acompanha. Uma tristezinhazinha lírica, aquela sem a qual não se faz um poeta não. Uma cinza fria, uma pouca cinza fria sobre o gramado desse *ABC Futebol Clube*.

Referências

ROSA, Mário Alex. *Meus utensílios*. Belo Horizonte: Galeria de Arte Copasa, 2012. Catálogo de exposição.

ROSA, Mário Alex. *Ouro Preto*. Belo Horizonte: Scriptum, 2012.

ROSA, Mário Alex. *ABC Futebol Clube*. Ilustrações de Bruno Nunes. Belo Horizonte: Aletria, 2015.

⁶ ROSA. *ABC Futebol Clube*, p. 23.